



“ATRAÇÃO DO PRONOME”? DISCUTINDO A ATUAÇÃO DE PROCLISADORES NO PE E NO PB SOB O VIÉS DAS NORMAS

Caroline Carnielli Biazolli

(UFSCar/SoLAR)

caroline.biazolli@ufscar.br

X

Resumo: Pertinente à colocação pronominal, este artigo propõe uma discussão sobre o princípio de “atração do pronome”, fixado pela tradição gramatical. Para isso, sob a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas e conceitos relacionados às normas linguísticas, investiga-se como as variantes previstas (no caso, adjungidas a verbos simples, nas formas pré ou pós-verbal) se realizam nos gêneros textuais jornalísticos **entrevista na TV, noticiário de TV, carta do leitor e editorial**. Faz-se um estudo descritivo-comparativo entre o português europeu e o português brasileiro, a partir de textos orais e escritos produzidos nos primeiros anos deste século.

Palavras-chave: Atração do pronome. Gêneros textuais jornalísticos. Português europeu. Português brasileiro. Variação e normas linguística

X

A autora:

Professora do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e membro do Núcleo de Pesquisa em Sociolinguística de Araraquara.

Agradecimentos:

Este artigo é resultado de uma das discussões apresentada no estudo de Biazolli (2016), orientado pela professora Rosane de Andrade Berlinck, a quem se agradece por cada ensinamento compartilhado. Agradece-se, ainda, à CAPES pelo auxílio financeiro fornecido.

Como citar este artigo:

BLAZOLLI, C. C. “Atração do pronome”? Discutindo a atuação de proclisadores no PE e no PB sob o viés das normas. **Revista Diálogos**. v. 7, n. 1, 2019.

1 Introdução

O fenômeno da posição de clíticos pronominais, desde o século XIX, tem sido muito abordado no Brasil e em Portugal (MATTOS E SILVA, 2004). À sombra de diferentes pressupostos teórico-metodológicos, hoje, verifica-se extensa bibliografia acerca desse tema. No entanto, ainda assim, vê-se que a colocação pronominal permanece atraindo o olhar de estudiosos, inclusive pelo fato de esses pronomes se posicionarem dissemelhantemente nas variedades do português, sobretudo no português europeu (doravante PE) e no português brasileiro (doravante PB).

Neste artigo, tocante a essa temática, discute-se o princípio de “atração do pronome”, relacionando-o às realidades linguísticas do PE e do PB. Tal princípio, fixado pela tradição gramatical, diz respeito à ordem dos clíticos pronominais estar atrelada à possibilidade de determinados vocábulos atraírem os pronomes átonos. Quando não presentes esses vocábulos, os pronomes estariam, naturalmente, em posição enclítica. Quanto à atração em si, esta pode se dar pela própria categoria gramatical do termo antecedente, pelo seu significado (FIGUEIREDO, 1917[1909]) ou, ainda, ela pode ser de natureza puramente fonética (SAID ALI, 2008[1908]).

O propósito deste estudo é questionar a pertinência desse princípio para os contextos lusitano e brasileiro de realização da ordenação de clíticos pronominais. Para isso, sob a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 2006[1966], 1994, 2001, 2008[1972]) e conceitos relacionados às normas linguísticas (COSERIU, 1979[1952]; BAGNO, 2003; FARACO, 2008), observa-se como as variantes posição pré-verbal e pós-verbal, no caso de verbos simples, manifestam-se em quatro gêneros jornalísticos – **entrevista na TV, noticiário de TV, carta do leitor e editorial** –, produzidos nos primeiros anos do século XXI e marcados por diferenças relacionadas às suas concepções discursivas, aos seus meios de produção e a outras características situacionais.

Os gêneros textuais jornalísticos, fonte de extração dos dados aqui analisados, caracterizam-se como um rico material a ser investigado, uma vez que ainda não foram suficientemente explorados pela Linguística e, também, por serem materializados por textos que podem incluir tanto variantes padrão como não padrão.

Este artigo está dividido em cinco partes, seguidas das referências bibliográficas. As palavras introdutórias destinam-se a esta seção, a primeira. Na segunda seção, apresentam-se os entrecruzamentos teóricos entre variação e normas linguísticas, além de se destacar a divisão dos vocábulos que antecedem o grupo clítico-verbo (cl V) ou o grupo verbo-clítico (V-cl) em dois conjuntos: um com os elementos reconhecidos como **proclisadores tradicionais** e o outro com os elementos não considerados atratores de próclise pela tradição gramatical, os **proclisadores não tradicionais**. Imediatamente depois, explicitam-se os materiais analisados. Na quarta seção, discutem-se, em termos gerais, os resultados da cliticização do PE e do PB a verbos simples; na sequência, esses resultados são explorados de acordo com cada gênero jornalístico averiguado, ressaltando-se a necessidade de se separar os registros encontrados a partir do contexto linguístico ao qual o pronome clítico estava submetido; e, por fim, pondera-se a efetividade, ou não, do princípio de “atração do pronome” para as variedades examinadas. A quinta e última seção traz os comentários finais.

2 Variação linguística, normas linguísticas e colocação pronominal

Inicialmente, neste espaço, articulam-se as inter-relações entre variação e normas linguísticas. Pensar em variação implica compreender como os fenômenos variáveis se distribuem e se realizam nas várias formas de manifestação linguística. Nessa direção, torna-se produtiva uma análise que aborde os usos linguísticos em meio à pluralidade de normas linguísticas presente em uma comunidade.

No caso da colocação pronominal, levando-se em consideração o objetivo principal deste texto, o de discutir a “atração do pronome” em dados portugueses e brasileiros, é adequada a indicação de quais elementos, segundo a norma-padrão, prescritiva, são imbuídos de uma força atratora e quais, por sua vez, por não serem atratores prototípicos, simplesmente mantêm a colocação que, segundo essa mesma norma, é a mais habitual – a ênclise. Propõe-se, aqui, em consonância com outros estudos (VIEIRA, 2002; NUNES, 2009; PETERSON, 2010; SANTOS, 2010, dentre outros), ainda que com algumas particularidades, a divisão desses constituintes antecedentes entre **proclisadores tradicionais** e **proclisadores não tradicionais**, conforme descrito na subseção 2.2. A partir dessas especificações, pretende-se alcançar uma melhor compreensão sobre o que a norma-padrão prescreve e o que tem sido, de fato, utilizado por falantes portugueses e brasileiros.

2.1 Imbricações entre variação e normas linguísticas

Ainda que não tenha sido o primeiro a teorizar sobre o conceito de norma, Coseriu (1979[1952]) foi quem o elaborou, sob o viés estruturalista, da maneira mais refinada. Voltando-se à antinomia de Saussure, *langue/parole* (sistema/fala), ele busca aprimorá-la e, então, acrescenta-lhe uma terceira instância, a norma, passando de dicotômica a uma perspectiva tricotômica (**sistema/norma/fala**). Para Coseriu (1979[1952]), da abstração à concretude, respectivamente do sistema à fala, há um grau intermediário, uma parte reguladora do sistema, a norma. Entende-se norma, aqui, como a instância linguística normal, comum, estabelecida por um conjunto de elementos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são frequentes, habituais em uma dada comunidade de fala. A essa mesma comunidade, segundo as suas características – sociais, históricas, geográficas, etc. –, atribui-se a responsabilidade pela variabilidade dessa norma.

Hoje, além desse amplo caráter referente à regularidade, observa-se um segundo uso, mais restrito, do termo “norma linguística”, conferindo a ele a ideia de conformidade com um padrão mínimo de referência, de julgamento de valor. Nesse sentido, empregam-se os conceitos de normatividade, de prescrição, segundo um parâmetro legitimado geralmente pelos grupos mais escolarizados e com maior conhecimento acerca da comunicação escrita.

Dedicados à realidade do PB, Bagno (2003) e Faraco (2008) sugerem com mais precisão uma terminologia a respeito das normas. De acordo com Bagno (2003), é cabível a adoção dos seguintes termos: **norma-padrão**, para designar o que está fora e acima da atividade linguística dos falantes, um conjunto de regras doutrinário e venerado como uma verdade imutável e eterna; **variedades prestigiadas**, relacionadas às

variedades linguísticas faladas pelos cidadãos com alta escolarização; e **variedades estigmatizadas**, correspondentes às variedades linguísticas que caracterizam os grupos sociais desprestigiados. Faraco (2008), assim como Bagno (2003), ainda que sob denominação não idêntica, lista como manifestações diferentes as normas **padrão, culta e populares**, e também adiciona a **norma gramatical**. Segundo o autor, a norma gramatical, conjunto de fenômenos linguísticos apresentado primeiramente pelos gramáticos da segunda metade do século XX, é o resultado da flexibilização dos juízos normativos, quebrando, pelo menos em parte, a rigidez da tradição desmedidamente conservadora (FARACO, 2008).

Convém sublinhar que cada língua apresenta um complexo sistema de normas, variável também, assim como a própria língua, no decorrer dos séculos. Pelos falantes da língua não se comunicarem apenas com os grupos regionais ou sociais a que pertencem, as normas se interpenetram, influenciando-se mutuamente. Disso, deduz-se que não há apenas uma única norma culta e que, quanto às normas desprestigiadas, estas não podem ser fadadas ao erro ou à exclusão, pois também estão nessa mistura de tendências, sendo eficientes e garantindo a interação. Parte-se da seguinte premissa: em cada ocasião, os falantes escolhem a norma apropriada. Ao mesmo tempo, vale distinguir que os contornos de diferenciação entre as normas são bastante fluidos, salvo a norma-padrão que é bem delimitada.

Evidenciado o caráter heterogêneo da língua, em que há lugar para variações geográficas, sociais, estilísticas e de gêneros textuais, nos âmbitos da fala e da escrita, é fato também a pluralidade das normas linguísticas nela presente. A convivência de usos diferentes em uma mesma língua, resultado também da coocorrência das normas, é algo irrefutável; e não uma falha.

Segundo Faraco (2008, p. 44),

Não existe, [...], uma norma “pura”: as normas absorvem características umas das outras – elas são, portanto, sempre hibridizadas. Por isso, não é possível estabelecer com absoluta nitidez e precisão os limites de cada uma das normas – haverá sempre sobreposições, desdobramentos, entrecruzamentos.

Para Labov (2006[1966], 2008[1972]), uma comunidade de fala consiste em um conjunto de falantes que partilham o mesmo sistema de valores sobre a língua, sem, necessariamente, falarem da mesma forma. Dado esse sistema de valores, determinado por aspectos sociais, culturais e ideológicos, cada comunidade de fala (ou linguística), em geral, caracteriza-se por uma norma ideal e por um conjunto de outras normas reais. A norma ideal, de modo amplo, é entendida como um fator da coesão social e as normas reais se referem aos comportamentos linguísticos dos integrantes dessas comunidades, estabelecidos pela intensa diversidade vigente nesses grupos, resultado das redes de relações sociais presentes em seu interior. A Sociolinguística, atualmente, tem dedicado grande atenção à problemática das normas, preocupando-se com as inter-relações entre o que **se deve dizer** e o que **é dito** e como essa mútua ligação pode contribuir para a percepção da variação linguística.

2.2 Colocação pronominal e os proclisadores tradicionais e não tradicionais

As gramáticas tradicionais costumam dedicar uma seção para a descrição dos contextos em que se empregam a próclise e a ênclise. Desse modo, é de interesse examinar o contexto morfossintático anterior à cliticização, para que se entenda a realização de determinada variante, a fim de verificar em quais contextos os usos linguísticos seguem ou divergem da prescrição, e por quê. Ampliando essa visão sobre o contexto anterior ao grupo cl V ou V-cl, consideram-se, aqui, o conjunto de elementos rotulados como **proclisadores tradicionais**, visto que, na tradição gramatical, são tratados como atratores típicos, e o conjunto denominado de **proclisadores não tradicionais**. O intuito, com essa divisão, é avaliar o grau diferenciado de influência desses constituintes nos gêneros jornalísticos e nas variedades distintas.

Admite-se que a denominação **proclisadores não tradicionais** não é completamente satisfatória. Se tais vocábulos não são atratores de próclise, segundo a tradição gramatical, o termo **proclisadores** pode parecer improdutivo; entretanto, é o termo escolhido para que haja contraste entre os constituintes considerados proclisadores prototípicos (e assim divulgados nas gramáticas) *versus* os outros constituintes que antecedem a cliticização pronominal.

Para se chegar às relações de proclisadores tradicionais e não tradicionais, conforme descrito logo abaixo, baseou-se, em primeiro plano, em apontamentos das gramáticas normativas (BECHARA, 2009[1961]; ROCHA LIMA, 2011[1957]; CUNHA; CINTRA, 2013[1985]) e, ainda, naquilo que gramáticas descritivas (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983]) e trabalhos linguísticos têm apontado sobre o tema (LOBO, 1992; GALVES; BRITTO; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; SANTOS, 2010, dentre outros).

Os contextos de proclisadores tradicionais e proclisadores não tradicionais, somados ao contexto de início absoluto de oração/período, apresentado nos resultados, auxiliam na organização dos dados coletados e analisados e, como já mencionado, em especial, propiciam um entendimento mais fiel do fenômeno da colocação pronominal em cada uma das variedades e gêneros estudados.

(1) PROCLISADORES TRADICIONAIS

a. Partículas/sintagmas de negação:

(01) na Noruega todos pagam a mesma taxa de IRS e dizem que *não se importam...* (PE, *noticiário*, 05/01/2013)

b. Elementos subordinativos (conjunções subordinativas, pronome relativo *que*, outros pronomes/advérbios relativos, conjunção integrante *que*, conjunção integrante *se*, *que* em estruturas clivadas, *que* em locuções conjuntivas, *que* ‘exclamativos’, palavra QU interrogativa do tipo pronominal e palavra QU interrogativa do tipo adverbial):

(02) hoje... *quando se fala* de beleza... já não se pode mais pensar apenas nos cuidados estéticos... (PB, *noticiário*, 09/08/2003)

(03) O administrador de uma grande empresa pode dispor das elites *que lhe aprouver*, mas o Presidente da República deve enquadrar-se no quadro referencial dos preceitos da Constituição [...]. (PE, *editorial*, 2008)

(04) Contra o parecer do centro de acolhimento *onde se encontrava* desde os três meses, a Comissão de Menores de Gaia tinha determinado a sua entrega ao pai. (PE, *carta*, 2005)

(05) Cavaco não chegou a dizer *que* o governo **lhe deu** ouvidos... mas aplaudiu os passos para o alargamento dos prazos de pagamento da dívida portuguesa à União Europeia... (PE, *noticiário*, 06/03/2013)

(06) Indagado pelo Estado *se* no encontro com Ahmadinejad **o questionara** sobre fraude eleitoral na eleição iraniana de junho, o presidente Lula respondeu: "Seria muita petulância minha me meter em assuntos de outro país." (PB, *carta*, 2009)

(07) *foi* nos estádios de futebol *que* os petardos **se tornaram** conhecidos... (PE, *noticiário*, 05/01/2013)

(08) Não perderam a guerra como fingem, esteja tranquilo J.M.F. Atingiram os seus objectivos, implantaram a democracia, *já que se mata* sem olhar à cor da pele ou ao credo, e, se for necessário, trazem-se para lá uns palestinianos, até à vitória final! (PE, *carta*, 2007)

(09) *Que se gaste* o dinheiro dos contribuintes em cursos de formação profissional onde os professores fingem que ensinam e os alunos fingem que aprendem. (PE, *carta*, 2005)

(10) Hoje, quase descrente, lanço aqui uma pergunta: por todos os crimes cometidos, por que o MST não é punido nos rigores da lei? *Quem o deixa* tão à vontade, tão confiante? (PB, *carta*, 2007)

(11) Bora foi o que mais trabalhou... explicou... reclamou... tentou mostrar aos jogadores chineses que o que está no ar é a oportunidade da vida deles... jogar contra o Brasil numa Copa é algo único na carreira... *como se livrar* de uma marcação por pressão?... (PB, *noticiário*, 07/06/2002)

c. Advérbios canônicos – um só vocábulo (advérbios focalizadores, quantificadores, modais/aspectuais e de atitude proposicional):

(12) Lá, por exemplo, *também se critica* a forma como se recorre, a propósito e a despropósito, a escutas telefónicas e são comuns as violações do segredo de Justiça. (PE, *editorial*, 2009)

(13) Se estes não é só agora que existem - pois *sempre se inseriram*, meio despudoradamente, em nosso cenário político - , em se tratando de campanha reeleitoral, como aquela em que está empenhado, de corpo e alma, o presidente Lula, adquiriram uma visibilidade mais do que notória, pelo que implicam de gastos substanciais da máquina pública federal, nem sempre em níveis financeiramente suportáveis, pelo Estado. (PB, *editorial*, 2006)

(2) PROCLISADORES NÃO TRADICIONAIS

a. Sintagmas nominais sujeitos (SN sujeito nominal simples, SN sujeito nominal complexo, SN sujeito pronome pessoal, SN sujeito pronome indefinido e SN sujeito pronome demonstrativo):

(14) e essa buzina ela: / ela:: é de controle remoto... parece meio idiota um cara ter a buzina de controle remoto né... pra que vai buzinar de fora do carro?... [mas] *os cara se diverte*... (PB, *entrevista*, 12/11/2009)

(15) *A política e os políticos portugueses lembram-me* cada vez mais, mais do que nada nem ninguém, Orwell e os suas obras “1984” e, sobretudo, “Animal Farm” que em português tem o título muito mais sugestivo de “O Triunfo dos Porcos”. (PE, *carta*, 2003)

(16) tô debutando... ôh::... e lá tem essa coisa de fazer todos os personagens... então isso dá uma agilidade... dá uma coisa... *eu me encaixo* em moceira... em gostosona... em senhora... eu faço de tudo com muita alegria... e eu acho que o público gosta de ver isso né... (PB, *entrevista*, 05/11/2009)

(17) e há pouco falávamos nas viagens que às vezes fazemos... ele adora levar um / o seu guia e des / descobrir restaurantes e chefes... descobrir pontos gastronómicos... nas cidades... e:: / e:: agora com uma família *tudo se torna* diferente porque eu já não posso fazer cem concertos por ano... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

(18) Na arena internacional, o primeiro-ministro israelense, Benyamin Netanyahu, desprezou ostensivamente as demandas enfáticas do dirigente americano pelo congelamento das colónias nos territórios palestinos para destravar as negociações de paz. *Isso o obrigou* a um recuo na ONU. (PB, *editorial*, 2009).

b. Sintagmas preposicionados:

(19) *De libertador se transformou* em carrasco de milhares de cubanos, no famoso paredón. (PB, *carta*, 2008)

c. Preposições (*para, a, de, por, sem, em*) e locuções prepositivas:

- (20) *para se antecipar* às consequências desse episódio... e tentar fazer uma avaliação... principalmente dos desdobramentos na economia brasileira... o presidente Fernando Henrique Cardoso chamou quatro ministros... inclusive o da fazenda Pedro Malan... a reunião foi a portas fechadas... (PB, *noticiário*, 11/09/2001)
- (21) Orlando Gaspar, quando anunciou a sua retirada da concelhia, não devia tentar desesperadamente e com jogadas de bastidores interferir na eleição para a concelhia do dia 31 de Maio, aconselhando Nuno *a candidatar-se*. (PE, *carta*, 2003)
- (22) a Nigéria perdeu... dois a um... e não tem mais chances *de se classificar*... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)
- (23) Utilizando o mesmo raciocínio, o presidente do STF, Marco Aurélio Mello, concedeu, tempos atrás, habeas-corpus ao banqueiro Cacciola (hoje, foragido do País) e aos ex-diretores do Banco Nacional, *por considerá-los* pessoas de bem, com passado irrepreensível. (PB, *carta*, 2002)
- (24) Wilman Villar ficou cinquenta dias *sem se alimentar*... (PB, *noticiário*, 21/01/2012)
- (25) Em vez de querer retirar poder das agências, o ministro Jobim deveria empenhar-se *em depurá-las* dos apadrinhados políticos nomeados para comandá-las. (PB, *carta*, 2007)
- (26) Assim, *em vez de se guiarem* por critérios objectivos na atribuição de apoios e subsídios a particulares e associações, o dinheiro público é, antes, utilizado para silenciar consciências [...]. (PE, *carta*, 2007)

d. Conjunções coordenativas (conjunções aditiva, alternativa, adversativa, conclusiva e explicativa):

- (27) Não perderam a guerra como fingem, esteja tranquilo J.M.F. Atingiram os seus objectivos, implantaram a democracia, já que se mata sem olhar à cor da pele ou ao credo, *e*, se for necessário, *trazem-se* para lá uns palestinianos, até à vitória final! (PE, *carta*, 2007)
- (28) *Ou lembrar-lhes* que a intervenção na vida pública não é um diploma de acesso a altos cargos na administração do Estado. (PE, *editorial*, 2005)
- (29) eu tinha driver license... tá?... *mas me parou* por excesso de velocidade porque o carro era bom demais né... (PB, *entrevista*, 07/11/09)
- (30) Ou *então atribui-se* a depressão à crise económica. (PE, *editorial*, 2008)
- (31) Se se está vendendo mais, baixe-se o imposto, *pois se ganha* mais vendendo duas unidades de qualquer coisa a um preço menor do que uma unidade a preço um pouco maior. (PB, *carta*, 2008)

e. Advérbios não canônicos (advérbios não modais e terminados com o sufixo *-mente*) e locuções adverbiais

- (32) tu tavas com a mão dele agarra / a segurar a mão dele e *depois deste-lhe* um beijinho na mão... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)
- (33) tenta... tenho que pagar os impostos senão eles martelam... já martelam muito né... e então... [assim] sou... educado também sou... *hoje vê-se* infelizmente muita gente que... parece que a educação... deixaram a educação fora do... / fora de casa... ou / ou noutra sítio qualquer... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)
- (34) *Curiosamente formaram-se*, à esquerda e à direita, duas obsessões. (PE, *editorial*, 2002)
- (35) *Há vinte anos justificava-se* que se perdesse tempo com a escolha do Presidente, e tanto Mário Soares como Sá Carneiro tiveram razões de sobra para perceber como a sorte do regime também passava por Belém. (PE, *editorial*, 2002)

3 Materiais analisados

Tanto para o PE quanto para o PB, foram organizados e analisados materiais que incluíam textos representantes dos gêneros entrevista na TV, noticiário de TV, carta do leitor e editorial. Foi necessário que os *corpora* das duas variedades fossem equivalentes, em razão de o estudo, além de descritivo, caracterizar-se como comparativo. Desse modo, a formação desses *corpora* se deu a partir de conjuntos uniformes em extensão

(número de palavras): para cada gênero jornalístico em questão, em cada uma das variedades, reuniu-se um montante em torno de 35.000 palavras.

Os registros portugueses falados foram coletados após a transcrição de aproximadamente quatro horas do programa de entrevistas nomeado **Herman (2010-2013)**, apresentado na emissora RTP, e seis horas do noticiário televisivo **Jornal da Noite**, transmitido pela SIC. Foram transcritos os programas do Herman (2010-2013) (cf. figura 1) exibidos nos dias 08/05 e 15/05 de 2010, 05/03/2011, 14/04/2012 e 06/07/2013; e, quanto às transmissões do Jornal da Noite (cf. figura 2), analisaram-se as dos dias 16 e 20/07/2012, 13/11/2012, 05/01/2013 e 06/03/2013. Para a formação do *corpus* oral brasileiro, transcreveram-se cerca de quatro horas e meia do **Programa do Jô** (cf. figura 3), dedicado a entrevistas, e o mesmo total aproximado de horas do telejornal **Jornal Nacional** (cf. figura 4), ambos produzidos e exibidos pela Rede Globo. Foram transcritas as entrevistas dos dias 04, 05, 07 e 12/11/2009 e, sobre o telejornal, as notícias veiculadas nos dias 30/06/2000, 07/06/2002, 09/08/2003, 11/09/2011, 21 e 28/01/2012, 05/10/2012 e 14/12/2013.

Figura 1 - Herman (2010-2013), transmitido pela RTP



Fonte: Biazolli (2016, p. 130)

Figura 2 - Jornal da Noite, transmitido pela SIC



Fonte: Biazolli (2016, p. 132)

Figura 3 - Programa do Jô, transmitido pela Globo



Fonte: Biazolli (2016, p. 130)

Figura 4 - Jornal Nacional, transmitido pela Globo



Fonte: Biazolli (2016, p. 132)

Os programas utilizados para a coleta das entrevistas se apresentam de forma bastante parecida. Visivelmente inspirados em *talk shows* norte-americanos, à frente de ambos estão figuras que construíram suas

carreiras também no humor. Desse modo, além de conduzirem as conversas com os convidados, contam piadas e divertem o público. As entrevistas em si, além de informar, também têm o objetivo de entreter. Os cenários são praticamente idênticos. Nos dois casos, os apresentadores estão acompanhados de grupo de músicos e plateia. E, ademais, logo atrás do local onde recebem os seus entrevistados, observam-se vistas que fazem referências, respectivamente, às noites de Lisboa e de São Paulo. Os entrevistados são, usualmente, pessoas públicas, convidadas para abordar algum assunto específico e/ou divulgar algo relacionado a eles mesmos.

Os telejornais selecionados, além de possuírem grande abrangência em seu país de exibição, são transmitidos em horário nobre, à noite, e dirigidos a um público mais amplo. Outro ponto que os aproxima, embora os contextos social, econômico, político e cultural de cada um sejam diferentes, é o fato de a SIC (emissora responsável pela veiculação do telejornal português), quando fundada, ter recebido ajuda e orientações da Rede Globo. Na realidade, tanto o telejornalismo português quanto o brasileiro são influenciados pelos modelos de telejornalismo norte-americanos (CAMPOS; COUTINHO, 2014).

Para a constituição dos *corpora* escritos, também estruturados de acordo com uma extensão pré-delimitada, examinaram-se exemplares dos jornais **Público** (cf. figura 5) e **O Estado de S. Paulo** (cf. figura 6), produzidos em Lisboa e em São Paulo, respectivamente, mas ambos de grande circulação nacional. Dentro do espaço temporal considerado, de 2001 a 2010, investigaram-se seis periódicos por ano. Reportando-se às cartas, analisaram-se 105 textos portugueses e 227 brasileiros. No que diz respeito aos editoriais, observaram-se 66 textos referentes ao PE e 52 ao PB.

Figura 5 - Capa do Público



Fonte: Biazolli (2016, p. 133)

Figura 6 - Capa do O Estado de S. Paulo



Fonte: Biazolli (2016, p. 133)

O Público informa claramente, no material que trata das bases de seu projeto editorial e das regras que segue, que as cartas dos leitores selecionadas poderão passar por determinados ajustes. Os editoriais, por sua vez, devem ser textos breves, claros e incisivos, que contenham a opinião da direção editorial sobre algum fato da atualidade. Essa opinião deverá ser sempre fundamentada, não se inspirando em razões exteriores ao objeto do comentário (PÚBLICO, 2005). Encontra-se, nesse manual, uma pequena lista de erros e vícios de linguagem frequentes, os quais devem ser evitados. Nada que se refira à colocação pronominal nas orações é dito.

No manual d'O Estado de S. Paulo, o projeto editorial é pouco especificado e o espaço se volta amplamente à discussão de como escrever bem, com elegância, mas sem pedantismos. Espera-se, com as orientações dadas, que os textos publicados no jornal sejam uniformes, elaborados a partir de um português objetivo e correto (MARTINS, 1997). Nesse sentido, em muitas das páginas, o manual chega a se parecer com um compêndio gramatical, uma vez que se atém a detalhes sobre crase, concordâncias, conjugação verbal, regências, colocação de pronomes, acentuação, entre outros tópicos. À colocação pronominal, fenômeno que interessa a este artigo, são destinadas aproximadamente quatro páginas, recheadas de regras pautadas na tradição gramatical.

Quanto às cartas, não aparece explicitamente no manual se recebem ou não interferências de editores. No entanto, dois aspectos fazem acreditar que os textos dos leitores/escritores podem, sim, sofrer alterações. O primeiro corresponde à questão de o próprio jornal comunicar, no local reservado à participação do público, que as cartas publicadas são selecionadas e, se for necessário, resumidas; e, o segundo, complementando o primeiro, refere-se ao fato, como o próprio Martins (1997) atesta, de ser grande o empenho d'O Estado para que o número de “erros gramaticais” de uma edição seja cada dia menor. Nesse mesmo manual, por fim, evidencia-se que o jornal, como um todo, tem opiniões, que são expressas nos editoriais. Nenhum outro detalhe sobre os textos que materializam os editoriais d' O Estado de S. Paulo é fornecido.

Feitas todas as observações pertinentes aos materiais analisados, a seguir, exploram-se os resultados.

4 Resultados

Na tabela seguinte, mostra-se a distribuição geral de todas as ocorrências de clíticos pronominais coletadas nas variedades europeia e brasileira do português segundo cada gênero jornalístico estudado. Investigou-se um total de 2.431 clíticos.

Tabela 1 - Distribuição geral das ocorrências de clíticos pronominais no PE e no PB, de acordo com o gênero

Gênero	PE	PB	Total
Entrevista na TV	344	136	480
Noticiário de TV	193	103	296
Carta do leitor	529	417	946
Editorial	443	266	709
Total	1.509	922	2.431

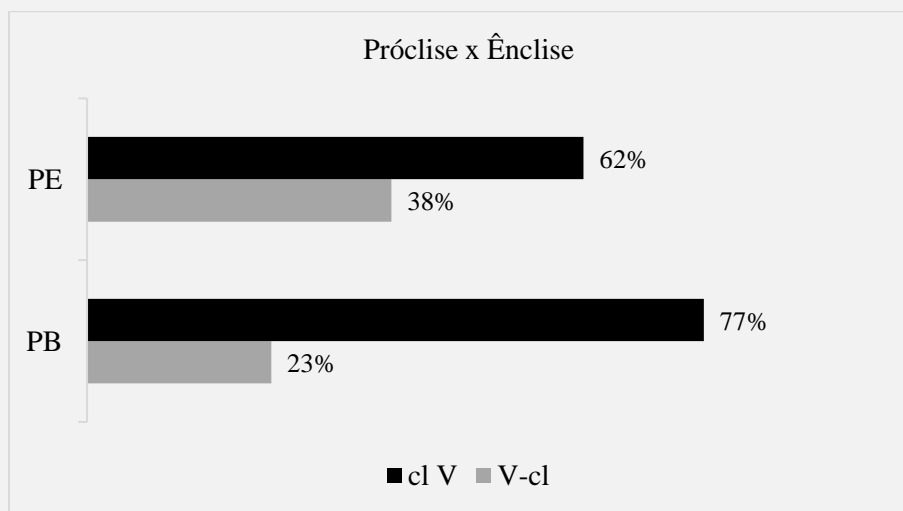
Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

Ao se observarem os números totais de ocorrência dos pronomes segundo cada gênero textual analisado, destaca-se a mesma tendência em ambas as variedades: os pronomes átonos foram mais recorrentes nas cartas, nos editoriais, nas entrevistas e nos noticiários, nessa devida ordem, tanto no PE quanto no PB. O predomínio de clíticos na escrita, se pensado fundamentalmente em relação à variedade brasileira, pode ser justificado pela realidade de esses pronomes, sobretudo os de terceira pessoa, serem aprendidos na escola (CORRÊA, 1991; RODRIGUES COELHO, 2011), sendo postos em prática em um primeiro momento na escrita e, só depois, na fala. Acrescido a essa constatação, e agora se referindo também aos resultados do PE, outro fator que acentua os altos números de clíticos nos gêneros carta do leitor e editorial é a presença massiva do “famigerado” *se* (NUNES, 1990) nos textos que os representam.

4.1 Próclise e ênclise: resultados gerais

No conjunto de 2.431 dados, estando relacionados 1.509 ao PE e 922 ao PB, os clíticos apareceram em 62% (N=937) dos casos em posição próclítica e em 38% (N=572) em posição enclítica na variedade europeia, enquanto na variedade brasileira a distribuição se deu entre 77% (N=714) dos casos em próclise e 23% (N=208) em ênclise, como se vê no gráfico a seguir.

Gráfico 1 - Distribuição geral de próclise e ênclise no PE e no PB



Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

À frente de índices gerais que mostram um número maior de próclise nas duas amostras, opondo-se inclusive ao que as abordagens tradicional e descritiva apresentam em relação à preferência de colocação no PE – a ênclise como a opção mais produtiva (FIGUEIREDO, 1917[1909]; RAPOSO et al., 2013) –, torna-se indispensável detalhar cada registro encontrado a partir do contexto linguístico em que o pronome clítico estava inserido. Diante dessa decisão, as singularidades e as semelhanças de/entre cada variedade investigada ficam mais evidentes, ao mesmo tempo que a interpretação dos resultados numéricos passa a ser mais precisa.

Separam-se, então, os pronomes átonos extraídos dos *corpora* de acordo com os seguintes casos: (i) clítico adjacente a verbo em posição de início absoluto de oração/período; (ii) grupo cl V ou V-cl antecedido de elemento considerado tradicionalmente proclisador; e (iii) grupo cl V ou V-cl antecedido de elemento não considerado tradicionalmente proclisador.

Do total de 1.509 dados portugueses, segundo os três contextos apresentados, os clíticos apareceram 241 vezes adjungidos a hospedeiros verbais em posição de início absoluto de oração/período, 819 vezes na presença de proclisadores tradicionais e 449 vezes na presença de proclisadores não tradicionais. As informações da próxima tabela, referentes à amostra do PE, revelam quais são as colocações pronominais predominantes ao se observar isoladamente cada contexto linguístico.

Tabela 2 - Número de ocorrências (N) e proporções (P) de próclise e ênclise no PE, de acordo com o contexto linguístico

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PE
	N	P	N	P	
Início absoluto	1	0.4%	240	99.6%	241
Proclisadores tradicionais	795	97%	24	3%	819
Proclisadores não tradicionais	141	31%	308	69%	449
					= 1.509

Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

Os dados brasileiros recebem o mesmo tratamento. Desse modo, dos 922 pronomes átonos coletados, enquanto 136 estavam cliticizados a verbos em início absoluto de oração/período, 460 e 326 tinham como elementos antecedentes, respectivamente, proclisadores tradicionais e não tradicionais. Na tabela 3, como feito com os dados portugueses, são apresentados os resultados obtidos das posições pré e pós-verbais na variedade do PB, segundo os contextos linguísticos.

Tabela 3 - Número de ocorrências (N) e proporções (P) de próclise e ênclise no PB, de acordo com o contexto linguístico

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PB
	N	P	N	P	
Início absoluto	22	16%	114	84%	136
Proclisadores tradicionais	452	98%	8	2%	460
Proclisadores não tradicionais	240	74%	86	26%	326
					= 922

Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

Ao serem contrastadas as marcas de próclise e ênclise nas duas variedades, verifica-se que o fato de o hospedeiro verbal estar em posição inicial absoluta na oração/período refreia, como já esperado, a colocação proclítica no PE e no PB, entretanto, de modo distinto. Enquanto no PE a próclise em início de oração/período é praticamente inexistente (0.4%), no PB, ainda que discreta, atinge o índice de 16%. Esse resultado, de acordo com o que ainda será visto, reflete principalmente os dados desse contexto provenientes dos gêneros brasileiros entrevista na TV e noticiário de TV. Na presença de elementos reconhecidamente apontados como proclisadores, as mesmas tendências são percebidas. Tanto no PE quanto no PB, altas frequências marcam a

dominância da próclise com esses constituintes (97% e 98%, respectivamente). Por outro lado, ao considerar o pronome clítico antecedido de proclisadores não tradicionais, inclinações divergentes são notadas, já que, nesse caso, em proporções inversas, há o domínio da ênclise no PE (69%) e o favoritismo da próclise no PB (74%).

Quando constatados os percentuais de próclise com o verbo no início de oração/período e, principalmente, com o grupo cl-V estando precedido de proclisadores não tradicionais (sendo este um contexto no qual se espera maior variação entre as variantes, dada a não existência de elementos que favoreçam a anteposição do pronome), confirma-se o que já tem sido realçado na literatura linguística: a ênclise é a opção não marcada na variedade europeia, enquanto na amostra brasileira é a colocação pré-verbal que se destaca acentuadamente. São os resultados relacionados a proclisadores não tradicionais que mostram, de modo mais nítido, as preferências dos usuários de cada variedade, no que tange à colocação pronominal.

4.2 Próclise e ênclise: resultados segundo cada gênero jornalístico analisado

No gênero entrevista na TV, foram coletados 344 clíticos no PE e 136 no PB. Para o entendimento completo desses resultados, bem como foi tratado o total de dados reunidos a partir dos quatro gêneros jornalísticos apreciados, distinguem-se os pronomes segundo os três contextos linguísticos apresentados anteriormente. Nas duas tabelas subsequentes, esclarecem-se essas separações nas amostras do PE e do PB, nessa devida ordem.

Tabela 4- Número de ocorrências (N) e proporções (P) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero entrevista, no PE

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PE
	N	P	N	P	
Início absoluto	0	0%	49	100%	49
Proclisadores tradicionais	176	95%	9	5%	185
Proclisadores não tradicionais	28	25%	82	75%	110
					= 344

Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

Tabela 5- Número de ocorrências (N) e proporções (P) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero entrevista, no PB

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PB
	N	P	N	P	
Início absoluto	18	75%	6	25%	24
Proclisadores tradicionais	53	96%	2	5%	55
Proclisadores não tradicionais	55	96%	2	5%	57
					= 136

Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

Nas entrevistas, de modo geral, concentra-se a diferença mais saliente entre os percentuais das variantes marcados no PE e os registrados no PB.

No noticiário de TV, registraram-se 296 dados, referentes a 193 do PE e a 103 do PB. Ao serem organizados de acordo com os três contextos linguísticos – considerando-se, em particular, os contextos de início absoluto de oração/período e de grupo cl V ou V-cl antecedido de elemento não considerado tradicionalmente proclisador –, os dados continuam a exibir a ênclise como opção não marcada no PE e a próclise como variante predileta no PB, mesmo que em escala menor, se comparada à marca proclítica alcançada no gênero entrevista na TV. As tabelas seguintes tornam visíveis essas considerações, a partir do tratamento do total de clíticos coletado nos noticiários.

Tabela 6- Número de ocorrências (N) e proporções (P) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero noticiário, no PE

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PE	
	N	P	N	P		
Início absoluto	0	0%	25	100%	25	
Proclisadores tradicionais	89	96%	4	4%	93	
Proclisadores não tradicionais	8	11%	67	89%	75	= 193

Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

Tabela 7- Número de ocorrências (N) e proporções (P) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero noticiário, no PB

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PB	
	N	P	N	P		
Início absoluto	3	60%	2	40%	5	
Proclisadores tradicionais	37	100%	0	0%	37	
Proclisadores não tradicionais	53	87%	8	13%	61	= 103

Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

Para a análise do gênero carta do leitor, reuniu-se um total de 946 clíticos. Desse número, 529 pertenciam ao PE e 417 ao PB. Quando examinado o conjunto total de dados de acordo com os três contextos linguísticos debatidos desde o começo, em especial o contexto de início absoluto de oração/período e o de proclisadores não tradicionais, notam-se, agora, (i) realizações idênticas das variantes no PE e no PB, no que diz respeito ao início absoluto, e (ii) uma diferença bem menos saliente entre as marcas de próclise (e de ênclise) assinaladas em cada uma das variedades, na presença de proclisadores não tradicionais– cf. tabelas 8 e 9.

Tabela 8 - Número de ocorrências (N) e proporções (P) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero carta, no PE

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PE	
	N	P	N	P		
Início absoluto	1	1%	90	99%	91	
Proclisadores tradicionais	286	98%	6	2%	292	
Proclisadores não tradicionais	60	41%	86	59%	146	= 529

Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

Tabela 9 - Número de ocorrências (N) e proporções (P) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero carta, no PB

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PB	
	N	P	N	P		
Início absoluto	1	1%	67	99%	68	
Proclisadores tradicionais	220	98%	5	2%	225	
Proclisadores não tradicionais	72	58%	52	42%	124	= 417

Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

Ao serem comparadas as frequências de próclise nas cartas brasileiras com as apresentadas nos gêneros entrevista na TV e noticiário de TV, de novo em relação aos contextos de hospedeiro verbal em posição inicial absoluta e de antecedência de proclisadores não tradicionais, é nítida a redução do uso do pronome anteposto (e, por consequência, a expansão do pronome posposto) nas cartas.

Perini (2005[1995]), ao afirmar que lida em sua gramática com a variedade da língua usada em textos jornalísticos escritos, conclui que a ênclise está em um processo de **desaparecimento** no PB. A partir dos resultados deste estudo, ao invés da extinção da colocação pós-verbal, prefere-se sinalizar a sua **resistência** em determinados contextos da escrita brasileira. Por força normativa, por exemplo, sendo este um dos pontos eleitos como bastião da norma (BERLINCK; BIAZOLLI, 2011), a ênclise em início absoluto de oração/período **permanece** (e é praticamente categórica) nos gêneros escritos – dos 107 pronomes coletados nesse contexto (68 nas cartas e 39 nos editoriais), apenas 1 aparece proclítico no PB. Outros dois casos que endossam a **manutenção** da posposição do pronome são a cliticização do acusativo de 3ª. pessoa a formas verbais infinitivas e a presença nas orações de palavras não classificadas pela tradição gramatical como atratores do pronome. Refere-se a este segundo caso o fato de a próclise, predominante nas entrevistas e nos noticiários do PB independentemente do tipo de atrator, ceder espaço maior à ênclise diante da maioria dos proclisadores não tradicionais (SN sujeito, SPrep, conjunção coordenativa, por exemplo) nos gêneros escritos.

No gênero editorial, por fim, foram coletados 443 clíticos na variedade europeia e 266 na variedade brasileira. As duas próximas tabelas especificam a colocação pronominal conforme os três contextos linguísticos considerados.

Tabela 10 - Número de ocorrências (N) e proporções (P) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero editorial, no PE

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PE	
	N	P	N	P		
Início absoluto	0	0%	76	100%	76	
Proclisadores tradicionais	244	98%	5	2%	249	
Proclisadores não tradicionais	45	38%	73	62%	118	= 443

Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

Tabela 11 - Número de ocorrências (N) e proporções (P) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero editorial, no PB

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PB	
	N	P	N	P		
Início absoluto	0	0%	39	100%	39	
Proclisadores tradicionais	142	99%	1	1%	143	
Proclisadores não tradicionais	60	71%	24	29%	84	= 266

Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

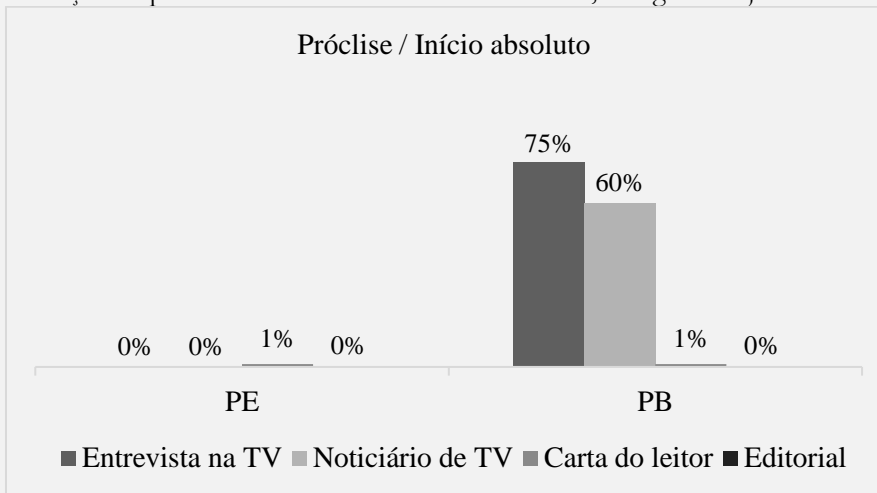
Quando os hospedeiros verbais aparecem em posição inicial absoluta de oração/período, nos editoriais, no PE e no PB, a posposição do pronome é categórica. Após proclisadores tradicionais, nas duas localidades, a próclise é semicategórica. A colocação pronominal é de fato variável na presença de proclisadores não tradicionais, com os quais se destaca a ênclise no PE e a próclise no PB. Neste último contexto, a discrepância entre os percentuais de próclise (e de ênclise) do PE e do PB se torna menos expressiva nos editoriais, não como constatado nas cartas, mas notável diante da significativa diferença entre as marcas apresentadas da posição pré-verbal em cada uma das variedades nas entrevistas e nos noticiários (25% e 96% de próclise nas entrevistas portuguesas e brasileiras, nessa devida ordem; e 11% e 87% de próclise nos noticiários do PE e do PB, respectivamente). Os textos escritos, conforme já explicitado, estão mais propícios à uniformização dos usos, segundo os padrões estabelecidos gramaticalmente. Por isso, os resultados das colocações pronominais portuguesa e brasileira mais se aproximam nos gêneros carta do leitor e editorial.

4.3 Discutindo a questão da “atração do pronome”

Observaram-se, em termos gerais, quanto à cliticização a um único verbo, diferenças entre as duas variedades do português (PE e PB) e em cada uma delas separadamente, de acordo com o gênero textual jornalístico investigado; entretanto, de forma mais discreta na variedade europeia do que na brasileira. Confirmou-se que, no PE, a convergência entre os usos linguísticos efetivados na fala e na escrita é mais percebida. Isso ocorre, em especial, pelo fato de, no PB, ser substancial o abismo entre o uso que os falantes fazem da língua, mesmo aqueles considerados “cultos”, e o que é prescrito pela norma-padrão, fundamentada na tradição portuguesa, que serve de modelo sobretudo às produções escritas.

A partir dos três contextos linguísticos abordados – (i) início absoluto de oração/período, (ii) precedência de proclisador tradicional e (iii) precedência de proclisador não tradicional –, verificou-se, no PE, a ênclise como a opção não marcada, salvo diante de atratores típicos de próclise; no PB, registrou-se a forte predominância da variante pré-verbal, à exceção dos casos nos quais o verbo hospedeiro abria a oração (ou o período) nos gêneros escritos – como mostrado no gráfico seguinte. A respeito da divisão dos pronomes segundo esses três contextos, reitera-se que foi algo primordial para uma interpretação mais cuidadosa dos dados coletados.

Gráfico 2 - Distribuição de próclise no contexto de início absoluto, nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB



Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

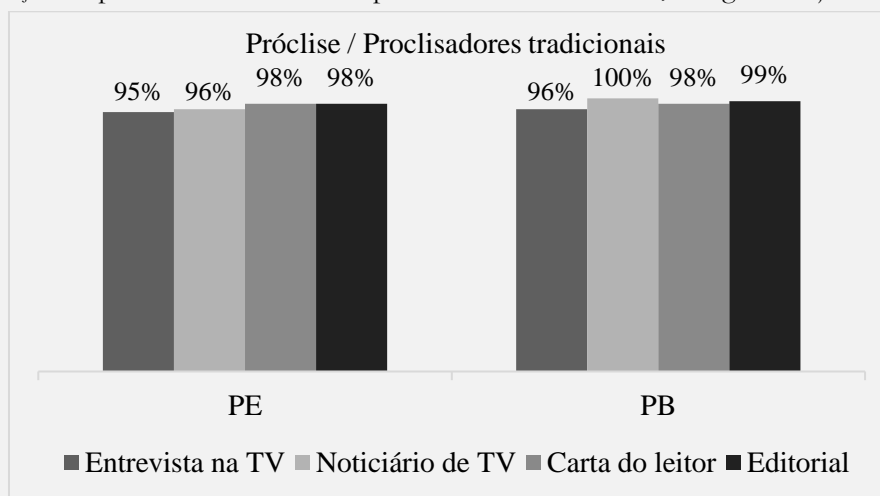
Ao iniciarem orações/períodos, os pronomes se mantiveram categoricamente enclíticos no PE, nos gêneros entrevista na TV, noticiário de TV e editorial. A ênclise, nesse mesmo contexto, foi semicategórica no gênero carta do leitor, visto que, em uma carta, encontrou-se o único dado português de próclise com o verbo posicionado no início de oração – sem coincidir com o início de período.¹ Nos *corpora* brasileiros, em início de oração/período, a próclise prevaleceu nos gêneros orais. Nas entrevistas, os casos de ênclise estavam relacionados a um outro gênero inserido em umas das entrevistas – uma receita culinária. O decréscimo de próclise nos noticiários, por sua vez, pode ser associado à concepção escrita desse tipo de gênero. Com a ênclise praticamente hegemônica nas cartas e categórica nos editoriais, assinalou-se a interferência de preceitos normativos relativos à colocação nos gêneros escritos brasileiros.

À frente de proclisadores tradicionais, nos quatro gêneros jornalísticos das duas localidades, foram altos os índices da posição pré-verbal. No caso do PE, as marcas de próclise variaram de 95% a 98%, de acordo com o gênero analisado, e, no PB, de 96% a 100% – cf. gráfico 3.

¹ Dado em questão:

Também assinei descrente a primeira petição (e não resisto a contar que sei de quem, dentro da lógica “perdido por cem, perdido por mil”, tenha chegado a sugerir aos senhores que se julgam donos das mulheres nigerianas que “se demitissem” eles da condição humana), me surpreendi com o seu êxito e, passados uns dias, percebi que afinal... tinha que assinar a segunda. (PE, *carta*, 2002).

Gráfico 3 - Distribuição de próclise no contexto de proclisadores tradicionais, nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB



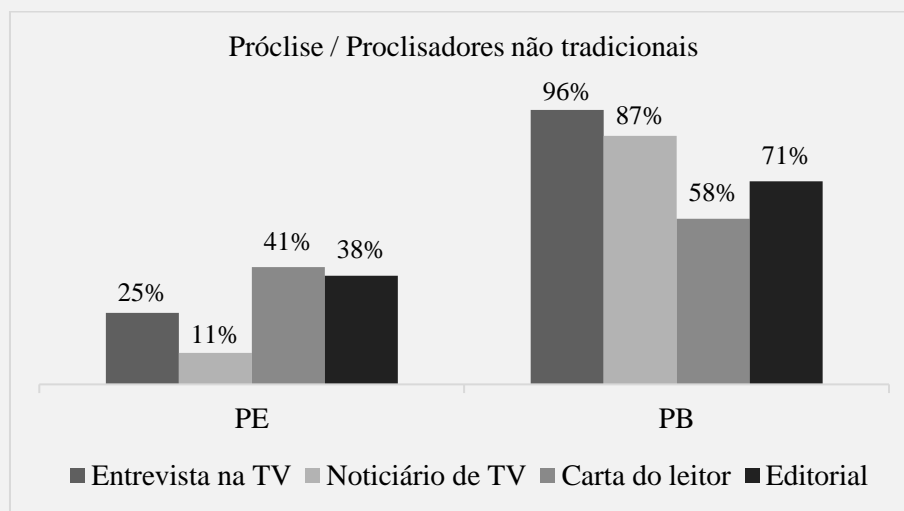
Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

Neste ponto, vale refletir o que os percentuais elevados da variante proclítica, em contexto fixado pela tradição gramatical como de “atração do pronome”, denotam nas duas variedades, questão primordial diante dos propósitos deste artigo.

No PE, uma vez que, em início de oração/período e na presença de proclisadores não prototípicos, a ênclise foi a variante mais recorrente, parece haver obediência dos falantes à questão da atração, decorrente, para alguns estudiosos, da própria categoria gramatical e/ou do significado do vocábulo que precede o grupo clítico-verbo ou, para outros, de aspectos fonéticos. À vista disso, no caso da variedade europeia, faz sentido afirmar que determinadas palavras exercem atração sobre o pronome. No âmbito do PB, por outro lado, não convém tratar da anteposição do pronome concatenada puramente à observância a uma regra sobre a força atrativa de certos constituintes – a próclise ter ocorrido, com primazia, até mesmo na presença de elementos não reconhecidos pela tradição como atratores do pronome, em especial nos gêneros orais, reforça essa ideia (cf. gráfico 4). A variante pré-verbal, no contexto de proclisadores tradicionais, reproduz essencialmente a norma objetiva e usual dos falantes do PB. O que se desviou disso, no caso, os poucos dados de ênclise verificados nos gêneros entrevista na TV, carta do leitor e editorial, referiu-se, nas entrevistas, aos registros relacionados a outro gênero presente em uma delas (a receita culinária); e, nas cartas e nos editoriais, aos casos de cliticização do acusativo de 3ª. pessoa a infinitivos e aos dados com proclisador tradicional e grupo verbo-clítico não imediatamente contíguos.

Na presença de proclisadores não tradicionais, tal como já mencionado, a ênclise e a próclise se sobressaíram, respectivamente, no PE e no PB. Tal qual o gênero considerado, essas predominâncias foram menos ou mais acentuadas – cf. gráfico 4.

Gráfico 4 - Distribuição de próclise, de acordo com o contexto de proclisadores não tradicionais, nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB



Fonte: Adaptação de Biazolli (2016)

Segundo a norma-padrão, na ausência de atratores típicos de próclise, a posposição do pronome ao verbo hospedeiro é a forma prescrita. A desobediência a essa prescrição no PB, particularmente mais notável nos gêneros orais, já que na escrita a influência dos padrões é mais decisiva, evidencia, na prática, a gramática do PB emergindo nos usos.

Tanto no PE quanto no PB, no contexto de proclisadores não tradicionais, as opções não marcadas de cada variedade foram mais frequentes nos gêneros entrevista na TV e noticiário de TV. Nos gêneros carta do leitor e editorial, constatou-se que a diferença entre os percentuais de próclise (e de ênclise) das duas variedades foi menor. A aproximação (e o distanciamento) dos resultados do PE e do PB aparenta estar relacionada ao meio, escrito ou sonoro.

5 Considerações finais

Com este artigo, espera-se contribuir para o entendimento da noção de “atração do pronome”, assinalando que, no PE, cabe a discussão de o clítico ser atraído por certo elemento, assim como prescrito na norma-padrão, visto que a ênclise só deixou de ocorrer, nos quatro gêneros, na presença de operadores típicos de próclise. Já no PB, a ideia de atração é pouco, ou nada, efetiva. A primazia da próclise se deu tanto na presença de proclisadores tradicionais como à frente de elementos não identificados pela tradição gramatical como atratores do pronome – de forma mais branda nas cartas e nos editoriais do que nas entrevistas e nos noticiários. Na escrita, a influência dos padrões é mais decisiva.

Os resultados aqui apresentados, por meio do contraste entre os diferentes gêneros e os diferentes contextos, garantem afirmar que os usuários da língua, portugueses e brasileiros, não estão se baseando somente

pela norma-padrão, mas também pela gramática de suas variedades do português. Em consonância ao que a literatura linguística tem assinalado quanto à colocação pronominal nas variedades em questão, os dados deste artigo corroboram o fato de a ênclise já ser a opção não marcada para os portugueses; e, a próclise, para os brasileiros.

Conclui-se, por último, que são os olhares voltados às normas da comunidade de fala (LABOV, 2006[1966], 2008[1972]) e às normas prescritivas, no que diz respeito às suas semelhanças e diferenças, que possibilitam profícuas discussões entre questões pertinentes à Sociolinguística Variacionista e conceitos de normas.

Referências

- BAGNO, M. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009[1961].
- BERLINCK, R. de A.; BIAZOLLI, C. C. Clíticos e preposições: a norma e o 'normal' em jornais paulistas (1900 a 1915). **Estudos Linguísticos**, v. 40, n. 2, p. 850-863, 2011.
- BIAZOLLI, C. C. **Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português**: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma. 2016. 381 f. Doutorado (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2016.
- BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Tipologia e distribuição das expressões nominais. In: MATEUS, M. H. M. et al. (Orgs.). **Gramática da língua portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2003[1983]. p. 797-867.
- CAMPOS, I. S. V.; COUTINHO, I. M. da S. Estrutura informacional em TV: Jornal da Noite e Jornal Nacional. Portugal e Brasil editados em rede nacional. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 19, Vila Velha. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1586-1.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2014.
- CORRÊA, V. R. **O objeto direto nulo no Português do Brasil**. 1991. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.
- COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In: _____. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral**: cinco estudos. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979[1952]. p. 13-85.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013[1985].
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira – desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.
- FIGUEIREDO, C. de. **O problema da colocação de pronomes**: suplemento às gramáticas portuguesas. 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1917[1909].
- GALVES, C. BRITTO, H.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus, **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, n. 1, p. 39-67, 2005.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008[1972].
- _____. **The Social Stratification of English in New York City**. São Paulo: Cambridge University Press, 2006[1966].

- _____. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 2: Social factors. Cambridge: Blackwell, 2001.
- _____. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.
- LOBO, T. C. F. **A colocação dos clíticos em português**: duas sincronias em confronto. 1992. 238 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Histórica) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.
- MARTINS, E. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.
- MATOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.
- NUNES, C. da S. **Um estudo sociolinguístico sobre a ordem dos clíticos em complexos verbais no PB e no PE**. 2009. 256 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- NUNES, J. M. **O famigerado se**: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador. 1990. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.
- PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005[1995].
- PETERSON, M. S. **A ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas em cartas de leitor**: uma contribuição da Sociolinguística Variacionista. 2010. 210 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- PÚBLICO. **Livro de estilo**. Lisboa: Público Comunicação Social, SA, 2005.
- RAPOSO, E. B. P. et al. (Orgs.). **Gramática do português**. v. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- RODRIGUES COELHO, A. L. **A ordem dos clíticos pronominais**: uma análise sociolinguística da escrita escolar do Rio de Janeiro. 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011[1957].
- SAID ALI, M. **Dificuldades da língua portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: ABL/ Biblioteca Nacional, 2008[1908].
- SANTOS, D. C. de O. **Análise diacrônica da colocação pronominal nas variedades brasileira e europeia do português literário**: um estudo segundo o conjugado “Variação-Mudança & Cliticização”. 2010. 280 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- VIEIRA, S. R. **Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana**: para a definição da natureza do clítico em português. 2002. 441 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006[1968].

“PRONOMINAL ATRACTION”? DISCUSSING THE EFFECT OF “PROCLISADORES” IN EP AND BP FROM THE PERSPECTIVE OF THE NORMS

X

Abstract:

This article aims to discuss the principle of “pronominal attraction”, established by the grammatical tradition, in regard to pronoun placement. In order to achieve it, the study is based on the Theory of Language Variation and Change and the concepts related to the linguistic norms. It is investigated how the expected variants (adjunct to simple verbs, placed before or after them) are realized in four journalistic genres: **interviews on TV**, **news**, **reader’s letter** and **editorial**. A descriptive-comparative study was conducted between European Portuguese and Brazilian Portuguese, analyzing oral and written texts produced in the early 21st century

Keywords: Pronoun attraction. Journalistic textual genres. European Portuguese. Brazilian Portuguese. Linguistic variation and norms.

X
